



G  
M  
C  
L  
5  
0

GRUPO  
DE MÚSICA  
CONTEMPORÂNEA  
DE LISBOA  
1970 > 2020



# GMCL



Acesso direto ao site oficial do GMCL.  
Leitura feita através da câmera  
do seu Smartphone.



G M C L  
50 ANOS



AVA

MUSICAL EDITIONS

**Capa/Contra Capa:** João Vasco  
**Design Gráfico/ Paginação:** Bernardo Sá Machado  
**Organização de conteúdos:** José Sá Machado e Bernardo Sá Machado  
**Revisão:** João Pereira Coutinho

**1ª Edição:**  
**ISBN:**  
**Nº de edição:**  
**Depósito Legal:**

Reservados todos os direitos.  
Nos termos do Código do Direito do Autor, é expressamente proibida a reprodução total ou parcial desta obra por quaisquer meios, incluindo a fotocópia e o tratamento informático, sem a autorização expressa dos titulares dos direitos.

*“Venham mais 50 anos para o  
GMCL! Longa memória e tributo  
aos seus fundadores!”*



# Índice

|                                                       |     |
|-------------------------------------------------------|-----|
| PREFÁCIO .....                                        | 15  |
| <i>MÁRIO VIEIRA DE CARVALHO</i>                       |     |
| INTRODUÇÃO .....                                      | 21  |
| <i>JOSÉ SÁ MACHADO</i>                                |     |
| NOTAS BIOGRÁFICAS .....                               | 27  |
| HISTORIAL .....                                       | 33  |
| <i>“CULTIVO DA MÚSICA CONTEMPORÂNEA ENTRE NÓS”</i>    |     |
| <i>ANA TELLES</i>                                     |     |
| FUNDADORES, MEMBROS E COLABORADORES .....             | 49  |
| FOTOCRONOLOGIA .....                                  | 59  |
| PROGRAMAS DE CONCERTOS .....                          | 89  |
| DEPOIMENTOS SOBRE O GMCL .....                        | 153 |
| Adriano Martinolli D’Arcy .....                       | 155 |
| Aldo Brizzi .....                                     | 157 |
| <i>IL GMCL: UN LABORATORIO DI MEMORIE</i>             |     |
| Alexandre Delgado .....                               | 165 |
| <i>RENOVAR A TRADIÇÃO</i>                             |     |
| Alfredo Teixeira .....                                | 169 |
| Ana Telles .....                                      | 177 |
| António Reis Gomes.....                               | 179 |
| <i>ALGUMAS NOTAS SOBRE A MINHA COLABORAÇÃO COMO</i>   |     |
| <i>TROMPETISTA NO GMCL, EM VIDA DE JORGE PEIXINHO</i> |     |

|                                                        |     |
|--------------------------------------------------------|-----|
| Cândido Fernandes .....                                | 181 |
| Cândido Lima .....                                     | 183 |
| Christopher Bochmann .....                             | 189 |
| Daniel Schvets .....                                   | 191 |
| Eurico Carrapatoso .....                               | 195 |
| Fernando Lapa .....                                    | 197 |
| <i>CELEBRANDO MEIO SÉCULO DE MÚSICA DO NOSSO TEMPO</i> |     |
| Hans-Henrik Nordstrøm .....                            | 199 |
| <i>AN ARTISTIC STATUS OF GMCL</i>                      |     |
| Isabel Alves .....                                     | 201 |
| Isabel Soveral .....                                   | 205 |
| Jean-Sébastien Béreau .....                            | 207 |
| João Luiz .....                                        | 209 |
| <i>LEMBRANDO JORGE PEIXINHO E O GRUPO</i>              |     |
| João Pedro Oliveira .....                              | 213 |
| João Pereira Coutinho .....                            | 217 |
| Jorge Costa Pinto .....                                | 219 |
| Kristine Smith .....                                   | 221 |
| <i>A FRIENDSHIP ACROSS BORDERS</i>                     |     |
| Llorenç Balsach .....                                  | 223 |

|                                                      |         |
|------------------------------------------------------|---------|
| Luís Cília .....                                     | 225     |
| Luís Gomes .....                                     | 227     |
| Luís Soldado .....                                   | 229     |
| Maria João Serrão .....                              | 231     |
| <i>JORGE PEIXINHO... MEMÓRIAS</i>                    |         |
| Pedro Faria Gomes .....                              | 235     |
| Pedro Figueiredo .....                               | 237     |
| <i>INTIMIDADE, DISPONIBILIDADE E PATRIMÓNIO</i>      |         |
| Pedro Neves .....                                    | 239     |
| <i>JORGE PEIXINHO... MEMÓRIAS</i>                    |         |
| Ricardo Mateus .....                                 | 241     |
| <i>A FRIENDSHIP ACROSS BORDERS</i>                   |         |
| Rui Pinheiro .....                                   | 243     |
| Silvia Belfiori .....                                | 245     |
| Tiago Oliveira .....                                 | 247     |
| Vasco Pearce de Azevedo .....                        | 249     |
| <br>CRÍTICAS .....                                   | <br>251 |
| André Ruiz Tarazona .....                            | 253     |
| <i>IN DIVERDI, SETEMBRO DE 2011, WWW.DIVERDI.COM</i> |         |

|                                               |     |
|-----------------------------------------------|-----|
| Bernat Dedéu .....                            | 255 |
| <i>15/10/2010, IN LA PORTA CLASSICA 3.0</i>   |     |
| Pedro Boléo .....                             | 257 |
| <i>IN PÚBLICO, 2 FEVEREIRO 2007</i>           |     |
| Emanuel Frazão .....                          | 259 |
| <i>JUVENTUDE MUSICAL PORTUGUESA, IN REVUE</i> |     |
| DISCOGRAFIA .....                             | 269 |
| INCLUSÃO DE CD .....                          | 287 |

# HISTO RIAL

O “cultivo da música contemporânea entre nós”<sup>1</sup>:  
no cinquentenário do Grupo de Música Contemporânea de Lisboa

Ana Telles  
Universidade de Évora / CESEM

Escrever sobre o Grupo de Música Contemporânea de Lisboa<sup>2</sup>, por ocasião do seu cinquentenário, é para mim um exercício particularmente grato, pois trata-se de revisitar um universo espacial, temporal e estético (nomeadamente o da música em Portugal nas últimas décadas do séc. XX e início do séc. XXI) que me importa particularmente. Por outro lado, o referido exercício situa-se no cruzamento de várias facetas da minha investigação, que me tem levado a questionar práticas interpretativas relacionadas com repertórios do período em questão, bem como autores específicos, entre os quais se conta Clotilde Rosa, figura de relevo na história do GMCL. Por último, mas não menos importante, figura o meu próprio envolvimento com o grupo, na qualidade de pianista, desde 2009. O presente capítulo inscreve-se na continuidade de um estudo que publiquei em 2012, sobre as relações do GMCL com a criação musical portuguesa ao longo das primeiras quatro décadas da sua existência (Telles, 2012), e apresenta resultados parciais de uma investigação mais aprofundada sobre a história do grupo, que será oportunamente dada à estampa.

Do ponto de vista metodológico, importa esclarecer que este trabalho se baseia num levantamento exaustivo de todas as informações constantes dos programas de concertos e outros documentos pertencentes aos arquivos do GMCL<sup>3</sup>, bem como em textos (nomeadamente notas de programa, relatórios e planos de actividades) actualmente em uso pelo grupo. As informações compiladas são as que se encontram explícitas nos documentos em questão, podendo dar-se o caso de algumas estreias e/ou intérpretes não terem sido indicados claramente no conjunto dos documentos disponíveis, e em consequência não serem expressamente mencionados e contabilizados. Na escassez de elementos relativos às décadas de 1970 e 1980, socorri-me de críticas e entrevistas publicadas em periódicos da época, muitas delas coligidas no volume editado por Paulo de Assis em 2010 (Assis, 2010), outras nas suas versões originais. Foi igualmente efectuada uma revisão bibliográfica (cf. Castelo-Branco, 2010; Ferreira, 2005; Machado, 2002; Azevedo, 1998) e consultados recursos disponíveis na

---

<sup>1</sup> A citação no título tem origem na entrevista de Jorge Peixinho a Carlos Benigno da Cruz, publicada originalmente na revista Rádio & Televisão, a 22/07/1972, com o título “Jorge Peixinho: vanguarda é futuro”, e republicada no volume Jorge Peixinho: Escritos e entrevistas, 2010, p. 319.

<sup>2</sup> Daqui em diante, designado pelo acrónimo GMCL.

<sup>3</sup> A colaboração de José Machado, actual Director Artístico do GMCL, que disponibilizou os arquivos do grupo com grande generosidade, tem sido fundamental à prossecução desta investigação; cumpre-me aqui agradecer-lhe por isso.

internet<sup>4</sup>. Naturalmente, a investigação foi complementada por testemunhos directos de personalidades que colaboraram com o agrupamento ao longo da sua história.

O Grupo de Música Contemporânea de Lisboa nasceu em 1970, por iniciativa de Jorge Peixinho (1940-1995), agregando instrumentistas com os quais o compositor já havia realizado trabalho prévio no domínio da música contemporânea. Entre esses músicos figuravam proeminentemente Clotilde Rosa e Carlos Franco, com os quais Peixinho realizara inclusivamente um concerto preliminar em 1969, mas também António Oliveira e Silva e António Reis Gomes. Estes últimos, tal como Carlos Franco e Alejandro Ramirez (que esteve presente nos primeiros momentos do grupo, mas cedo se afastou), eram músicos da Orquestra Gulbenkian, instituição que albergara os Cursos de iniciação à música contemporânea, dirigidos por Peixinho, que constituíram o antecedente directo do GMCL. São de referir, ainda neste âmbito, os concertos e *happenings* que Peixinho protagonizara, com outros músicos e artistas (incluindo Clotilde Rosa), nos anos 1960, em espaços como a Galeria Divulgação e a Sociedade Nacional de Belas Artes, em Lisboa.

A criação do grupo correspondia a um fenómeno que se observava na Europa de então, desde a década de 1950. De facto, após a Segunda Guerra Mundial, verificando-se no domínio da composição musical desenvolvimentos radicais relativamente às tendências estéticas do período anterior, a necessidade de criar estruturas próprias e de potenciar a especialização de intérpretes nas novas técnicas requeridas levou vários compositores a fundarem agrupamentos dedicados à música do seu tempo. Pierre Boulez deu o toque, iniciando, em 1954, a série de concertos *Domaine Musical*, em Paris; seguiu-se, quatro anos mais tarde, a fundação, em Viena, do agrupamento *Die Reihe*, que ainda se mantém activo; proliferaram, depois, um pouco por toda a Europa, estruturas de idêntico carácter e propósitos.

Os compositores portugueses de vanguarda sentiram, como os seus contemporâneos estrangeiros, a necessidade de constituírem grupos dedicados à interpretação de música nova, como meio para promover e difundir as suas próprias obras e, de modo mais alargado, a música do seu tempo. Esse movimento começou, como já foi dito, com Jorge Peixinho, que fundou o GMCL em 1970; seguiu-se, em 1973, o Grupo Música Nova, fundado no Porto por Cândido Lima, em 1978 a Oficina Musical, liderada por Álvaro Salazar, e em 1985 o grupo ColecViva, animado por Constança Capdeville. Em anos mais recentes (a partir de 1999), houve uma proliferação de agrupamentos dedicados à música contemporânea no nosso país; entre estes – que incluem Drumming Grupo de Percussão (1999), Remix Ensemble (2000), OrchestrUtopica (2001), Lisbon Ensemble 20/21 (2003), Síntese Grupo de Música Contemporânea da Guarda (2006), Sond’Ar-Te Electric Ensemble (2007), Performa Ensemble (2007), Ensemble DME Collegium

<sup>4</sup> [www.mic.pt](http://www.mic.pt) (último acesso a 03/08/2020); [www.glosas.mpmp.pt](http://www.glosas.mpmp.pt) (último acesso a 29/07/2020); [www.gmcl.pt](http://www.gmcl.pt) (último acesso a 03/08/2020).

Musicum Electroacústico (2013), por exemplo –, encontramos grupos que resultam da iniciativa de compositores, como foi o caso do GMCL e dos três que se lhe seguiram, mas também estruturas que derivam da vontade de intérpretes ou instituições.

Se a actividade de alguns destes agrupamentos cessou por completo, a partir de determinada data, a de outros prosseguiu, de maneira mais ou menos consistente, mais ou menos episódica, ao longo do tempo. Nesse contexto, a longevidade e continuidade do GMCL são assinaláveis. Embora o grupo tenha tido um momento de relativa inactividade após a morte do seu fundador, prematura e repentinamente ocorrida em 1995, soube reinventar-se a partir de 2001, assegurando uma actividade ininterrupta desde então. Assim, irei considerar três períodos da vida do GMCL: uma fase inicial (1970-1995), que se desenrolou desde a fundação até à morte de Jorge Peixinho; o período decorrido entre este acontecimento e o início do séc. XXI (1996-2000), que designarei por fase intermédia; e o período actual, que começou a partir do momento em que o GMCL passou a usufruir de apoio financeiro do Ministério da Cultura (desde 2001)<sup>5</sup>.

Mas antes, convém lembrar os propósitos iniciais do grupo:

Os seus objectivos de base cobriam, na origem, três áreas essenciais: por um lado, a difusão das mais recentes tendências musicais em Portugal; por outro lado, uma pesquisa aprofundada e uma constante experimentação em diferentes domínios, nomeadamente no das novas técnicas instrumentais e de execução, no da improvisação e composição colectiva (cfr. *In-Con-Sub-Sequência*), e ainda no da intersecção com outras formas de expressão artística (cfr. *Action paintings*, *happenings*, concertos multimédia). Por último, importa referir o estímulo à criação musical e a divulgação de obras de compositores portugueses contemporâneos, com especial incidência na do seu fundador, Jorge Peixinho; na realidade, o GMCL assumiu um papel fundamental a nível da formação de novos públicos, da eclosão de jovens compositores e da criação de um repertório específico, funcionando em muitos casos como um laboratório de experimentação de novas estéticas musicais. (Telles, 2012, p. 203)

Não podemos também escamotear a dimensão de responsabilidade social que subjazia aos princípios do fundador. De facto, para Jorge Peixinho, a dimensão ética e interventiva da música e da cultura em geral eram claramente indissociáveis da própria natureza da criação musical contemporânea, de vanguarda (Assis, 2010, p. 256). Assim, sob a sua direcção, o GMCL procurou acercar-se de públicos distintos, em fábricas, escolas, universidades e outros, numa tentativa de transformar “por dentro”, questionando e renovando, o circuito (cristalizado, segundo ele e outros observadores de então) da produção e fruição musical.

---

<sup>5</sup> Esse período foi precedido, nos últimos meses do ano 2000, pela constituição do GMCL enquanto associação, e consequente registo de pessoa colectiva.

Se, no período actual, o apoio do Ministério da Cultura se tem revelado essencial à prossecução dos objectivos do GMCL, na fase inicial o suporte logístico e financeiro do grupo proveio, em grande medida (e após uma fase inicial de resistência), da Fundação Calouste Gulbenkian. De facto, esta instituição disponibilizou espaços de trabalho e ensaio ao grupo; contratualizou concertos em praticamente todas as edições dos Encontros Gulbenkian de Música Contemporânea, entre 1977 e 1996<sup>6</sup>; encomendou um número significativo de obras a Jorge Peixinho e a outros membros do GMCL que, pelo seu envolvimento neste último, se revelaram também como compositores; estendeu essa política de encomendas de obras para o grupo, a compositores externos, com os quais mantinha colaborações; contribuiu financeira e logisticamente para projectos de internacionalização do grupo, incluindo a participação no importante Festival de Royan, em 1972. Mais tarde, e tendo quase todos os membros do GMCL, nas últimas décadas do séc. XX, um vínculo laboral com a Escola de Música do Conservatório Nacional, esta instituição passou a constituir também um importante apoio ao funcionamento do grupo, nomeadamente através da cedência de espaços de ensaio e equipamentos, situação que se perpetua nos dias de hoje.

Vejamos agora quem fez o GMCL, ao longo das suas cinco décadas de história. Pelo grupo passaram, até agora, 222 membros e colaboradores<sup>7</sup>, distribuídos pelas seguintes especialidades e funções: Canto, Piano, Cravo, Celesta, Flauta, Flauta de bisel, Oboé, Corne Inglês, Fagote, Clarinete, Clarinete Baixo, Trompete, Trompa, Trombone, Violino, Violeta, Violoncelo, Contrabaixo, Harpa, Guitarra, Guitarra Eléctrica, Percussão, Electrónica, Direcção musical (maestros), Actor, Bailarino, Design, Gravação e Edição de Som, Imagens / projecção, Luzes, Produção, Técnico de Palco. Importa referir que, na perspectiva interna do grupo, aplica-se uma distinção entre membros e colaboradores, baseada em critérios como: o tempo de permanência ao grupo; o número de concertos efectuados por cada um; o grau de envolvimento em tarefas extra-musicais, de natureza organizativa; a relação pessoal estabelecida com os restantes membros do grupo e até razões de natureza emocional ou familiar. No entanto, não se verifica uma metodologia clara quanto à articulação destes critérios, pelo que a aplicação interna dos termos “membro” e “colaborador” tem sido flutuante ao longo do tempo.

A referida distinção entronca no próprio Jorge Peixinho (Jorge Peixinho: Escritos e Entrevistas, 2010, p. 308), tal como se pode verificar em várias das entrevistas que concedeu nos anos iniciais de actividade do grupo, e está intimamente relacionada com o facto de o fundador ter pretendido criar um grupo “aberto”, não circunscrito aos membros iniciais, mas capaz de assumir uma feição proteiforme e eminentemente adaptável a circunstâncias várias (aquilo a que hoje chamamos “agrupamento de

<sup>6</sup> À excepção de uma edição, a 14<sup>a</sup>, que teve lugar em 1990 e foi dedicada a Karlheinz Stockhausen.

<sup>7</sup> Ver listagem apresentada neste volume.

geometria variável”); interessava-lhe, por outro lado, deixar a porta aberta a todos aqueles que viessem a interessar-se seriamente pela música contemporânea.

Verificou-se grande estabilidade da formação instrumental de base do GMCL durante toda a fase inicial da sua existência, sendo a flauta, a flauta de bisel e a percussão, o trompete, a violeta, a harpa, a guitarra, o piano e a direcção assegurados ao longo dos anos, respectivamente, por Carlos Franco, Catarina Latino, António Reis Gomes, António Oliveira e Silva, Clotilde Rosa, José Lopes e Silva e Jorge Peixinho.

Convém aqui relembrar que o papel de Clotilde Rosa no seio do GMCL ia muito para além do de uma intérprete e compositora. De facto, ela foi essencial na estabilização emocional e consequente evolução do grupo, tanto do ponto de vista humano quanto estritamente profissional, não só nos anos em que integrou efectivamente o colectivo, mas também na fase subsequente, durante a qual acompanhava de perto as respectivas actividades; muito para além de ter sido Mãe de dois membros do grupo, José e Jorge Machado, Clotilde Rosa ficou conhecida internamente como a “nossa Mãe”, a Mãe de todos os membros, pois o GMCL desde cedo reconheceu nela o seu pilar feminino; ao longo do tempo, e das mais variadas maneiras, uns e outros se apoiaram nesse magnífico exemplo de força, energia, persistência, equilíbrio, lealdade e boa disposição que era Clotilde Rosa.

No que respeita ao violino, cedo a participação de Manuel João Afonso foi complementada (entre 1976 e 1980) e depois substituída (a partir de 1980) pela de José Machado, membro mais antigo e com maior número de anos de pertença ao grupo, de que é o actual director artístico. A participação de Luísa Vasconcelos, ao violoncelo, está documentada até Setembro de 1991, sendo esse instrumento assegurado, a partir de 1992, pelo actual violoncelista do grupo, Jorge. O envolvimento de Jorge Peixinho, enquanto pianista, foi complementado desde 1991 por Ana Mafalda Pernão (até 1996), enquanto que o de Carlos Franco contou, a partir do ano seguinte, com a colaboração do seu então aluno Rui Augusto (até 2001). No clarinete, verificou-se considerável instabilidade, pois a Artur Moreira (1970-1972) sucedeu António Saiote (1977-1988), com participação esporádica de Lopes Fernandes (1982), e posteriormente Manuel Jerónimo (1991-2001). A envolvimento de Paulo Brandão enquanto trompista está documentado entre 1978 e 1985. De referir ainda que, na percussão, Catarina Latino foi complementada por Júlio Campos, entre 1972 e 1978. Com participações mais circunscritas no tempo, há a referir, no canto, Maria João Serrão (1980-1981) e Manuela de Sá (1986-1991). Também a direcção musical de Jorge Peixinho foi secundada, numa ocasião (em 1988), por António Reis Gomes, e em várias outras por Carlos Franco (a partir de 1981).

A fase intermédia ficou caracterizada pela cessação de funções de Clotilde Rosa, Catarina Latino, José Lopes e Silva e Ana Mafalda Pernão. Mantiveram-se em actividade Rui Augusto, Manuel Jerónimo, José Machado, António Oliveira e Silva e Jorge Machado,

tendo ingressado, por essa altura, o pianista Francisco Monteiro (em 1998) e a harpista Andreia Marques (em 2000). A direcção musical foi então assegurada por Carlos Franco, que já tinha assumido essa função, pontualmente, desde 1981, e a direcção artística ficou, a partir dessa época, a cargo de José Machado.

Na actualidade, verifica-se uma presença constante da voz na composição do GMCL; entre 2011 e 2004, essa especialidade foi assegurada por Ana Ester Neves, e desde 2005 por Susana Teixeira. Francisco Monteiro (piano) afastou-se em 2012; a minha própria participação, a partir de 2009, e a de Cândido Fernandes, desde 2010, têm permitido manter a continuidade. Três membros – João Pereira Coutinho (flauta), Luís Gomes (clarinete) e Fátima Juvandes (percussão) – iniciaram actividade no seio do grupo em 2002, e mantiveram-se até ao presente. Mais tarde, em 2005, concretizou-se o ingresso de Ricardo Mateus (violeta), que substituiu o seu professor António Oliveira e Silva após a morte súbita deste último, e Paulo Amorim (guitarra). Ana Castanhito sucedeu na harpa, em 2009, à precocemente falecida Andreia Marques; em 2010, concretizou-se o ingresso de Hugo Santos (trompete) e, três anos mais tarde, o do compositor Jaime Reis, que tem assegurado a componente electrónica de alguns espectáculos.

Por último, a direcção musical tem sido partilhada entre vários maestros, assumindo particular destaque João Paulo Santos (a partir de 2003) e Christopher Bochmann (desde 2004). Este é o campo em que se regista maior flutuação, com 26 colaboradores; de facto, o grupo tem trabalhado sob a direcção de personalidades de reconhecido mérito, lado a lado com jovens maestros em ascensão; dirigiram o GMCL, para além dos acima referidos: Adriano Martinolli d'Arcy, Alberto Roque, Aldo Brizzi, Alessandro Calcagnile, Alexandre Delgado, Álvaro Salazar, André Granjo, António Reis Gomes, Diogo Costa, Fernando Marinho, Francisco Sequeira, Jaime Reis, Jan Wierzba, Jean-Sébastien Béreau, José Eduardo Gomes, José Ramón Encinar, Luís Carvalho, Marc Hajjar, Pedro Amaral, Pedro Carneiro, Pedro Figueiredo, Pedro Neves, Rui Carreira, Rui Pinheiro, Tiago Oliveira, Vasco Pierce de Azevedo.

Para além destes intervenientes, há que referir a captação, no período mais recente, de recursos altamente qualificados nas áreas da produção, do design, da gestão e projecção de imagens, e ainda técnicos de palco. Tal estratégia resulta daquilo que podemos considerar um processo de progressiva “profissionalização” do grupo, que foi acompanhada também por uma efectiva distribuição de tarefas entre os principais intervenientes e por uma definição de rúbricas de actividade que, estando em linha com os propósitos iniciais do GMCL, actualizam e modernizam a sua missão (refiro-me a actividades pedagógicas como acções em conservatórios e escolas de música, incluindo concertos participativos e *workshops* de iniciação à música contemporânea; à promoção da obra de Jorge Peixinho junto de públicos jovens, através da série “Peixinho é fixe”; e a outras séries temáticas, como “Jovens compositores, jovens maestros”, “Concertos comentados” e “A nossa música lá fora”, entre outras).

No que concerne à realização de concertos, importa referir, em primeiro lugar, os valores totais registados: 137 concertos realizados entre 1970 e 1995<sup>8</sup>; 12 entre 1996 e 2000; e 153, desde 2001. Os dados de que dispomos permitem estabelecer algumas comparações entre as várias fases de actividade do grupo. Consideremos a tabela 1, onde se apresenta o número médio de concertos do GMCL por ano (total, em Portugal e no estrangeiro), nas três fases do GMCL, de 1970 a 2019<sup>9</sup>.

|           | Total | Portugal | Estrangeiro |
|-----------|-------|----------|-------------|
| 1970-1995 | 5,2   | 3,9      | 1,3         |
| 1996-2000 | 2,4   | 2        | 0,4         |
| 2001-2019 | 8,1   | 6,9      | 1,2         |

Tabela 1. Número médio de concertos do GMCL por ano (total, em Portugal e no estrangeiro), 1970-2019. Fonte: elaboração própria.

Várias constatações se impõem. Em primeiro lugar, o número médio de concertos por ano é mais elevado na actualidade do que na fase inicial do grupo, o que prova a vitalidade do mesmo e o sucesso da sua reconfiguração após a morte de Jorge Peixinho. Por outro lado, regista-se que a actividade não cessou totalmente durante a fase intermédia, mantendo-se inclusivamente uma dimensão internacional, em 1996, possivelmente resultante de contactos estabelecidos pelo próprio Jorge Peixinho antes do seu falecimento súbito. Se a actividade em Portugal é muito mais expressiva na actualidade, verifica-se que o índice de internacionalização era ligeiramente mais elevado na fase inicial; de facto, Paulo Ferreira de Castro destacava, já em 1991, a intensa actividade internacional do GMCL (Castro, 1991, p. 180).

De modo geral, na fase inicial, os anos de 1980-1981 e 1984-1985 corresponderam ao pico de actividade (com 14-12 concertos e 12-10 concertos, respectivamente), tendo-se seguido um decréscimo até à morte do fundador. No que respeita à fase intermédia, no ano de 1996 verificou-se um número relativamente elevado de concertos (oito), muitos deles em homenagem a Jorge Peixinho, desaparecido no ano anterior. Já na actualidade, a tendência tem sido para um acréscimo gradual do número de concertos por ano: de 2002 a 2006, esse número variava entre três e seis; atingiu-se depois o patamar de dez concertos anuais em 2007, 2011, 2014, 2015, com descidas pontuais intercaladas. Em 2018 realizaram-se 11 concertos e, no ano seguinte, atingiu-se o máximo histórico de 17 concertos.

Já foi referida a importância da internacionalização. De facto, esse vector foi considerado estratégico desde a constituição do grupo, como podemos constatar à

<sup>8</sup> Importa referir que, provavelmente, terão sido realizados mais concertos na fase inicial do GMCL do que aqueles que pude recensear até agora. De facto, os arquivos do grupo são particularmente omissos quanto às duas primeiras décadas de actividade do grupo; complementei as informações deles constantes através de um levantamento não exaustivo de críticas publicadas em periódicos da época, mas é possível que venham a ser encontrados registos de mais concertos no futuro.

<sup>9</sup> Neste campo, considerei dados da actualidade apenas até 2019 e não 2020, tendo em consideração que, por um lado, o ano ainda não terminou; por outro lado, 2020 tem sido um ano atípico, mercê da crise sanitária em curso (COVID19).

leitura das entrevistas concedidas por Jorge Peixinho nos anos de 1970 a 1972 à imprensa da época (cf. Jorge Peixinho: Escritos e entrevistas, 2010, pp. 285-288, 293-294, 307-309, 319-322). Tratava-se, sobretudo, de potenciar a realização de digressões no estrangeiro, com o intuito de participar nos mais importantes festivais de música contemporânea; nesse âmbito, o GMCL participou em eventos como Festival de Royan, em França (1972); a Music Biennale Zagreb (1979); o Festival Outono de Varsóvia, na Polónia (1974, 1981); a Internationale Gaudeamus Muziekweek, na Holanda (1979, 1985); o Festival Internazionale di Musica Contemporanea de Acqui Terme (1981), o Festival Antidogma, de Turim (1982, 1983, 1985), o Festival Spaziomusica de Cagliari (1986) e a Settimana Musicale Senese de Siena (1991), em Itália; o Festival Musical do Vran "Cidade de Vigo 1979", as I Jornadas de Música Contemporânea de Sevilla (1986), as I Jornadas de Música Contemporânea de Santiago de Compostela (1987), os Encontros europeus no "Camino de Santiago" (1987) e o VII Festival Internacional de Música Contemporânea de Alicante (1991), em Espanha; a New Music Week de Bucareste (1993), na Roménia; o XX Festival Música Nova de Santos (1984), o Festival Contra-Pontos do Rio de Janeiro (1985) e o VIII Ciclo de Música Contemporânea de Belo Horizonte (1991), no Brasil. Por outro lado, pretendia-se potenciar a interacção com compositores estrangeiros, tocando obras destes últimos e contando com a sua deslocação ao nosso país para ensaios e concertos, o que efectivamente aconteceu.

Em anos mais recentes, a internacionalização tem permanecido um elemento-chave das candidaturas a apoios plurianuais de estruturas associadas ao Ministério da Cultura (particularmente a Direcção-Geral das Artes); nesse contexto, as deslocações ao estrangeiro têm levado o GMCL a participar novamente em alguns dos festivais a que Jorge Peixinho o houvera introduzido (como o Festival Internazionale di musica contemporanea de Acqui Terme, Itália, 2011; e a Music Biennale Zagreb, Croácia, 2015), bem como outros: o Trieste Prima 2012 Incontri internazionali con la musica contemporanea, (Itália, 2012); o Festival 5 Giornate, em Milão (Itália, 2015); o Suså Festival, em Næstved (Dinamarca, 2016); o Barcelona Modern: Festival de música contemporània i nova creació (Espanha, 2017); e o Ciclo de Música Actual, MEIAC – Badajoz (Espanha, 2019). Fora de Portugal, o GMCL tem igualmente participado em convenções de diferentes instrumentos, como a World Bass Clarinet Convention, em Roterdão (Holanda, 2005); The World Harp Congress, em Amsterdão (Holanda, 2008); e o ClarinetFest Madrid (Espanha, 2015). De resto, tem realizado concertos em diversos contextos: no Auditorium Conservatoire de Lille e no Lieu d'Art et d'Action Contemporaine, Dunkerque (França, 2010); no Amaryllis Fleming Concert Hall e no Barbican, em Londres (Reino Unido, 2011); no Auditório da Rádio Nacional Eslovena, em Ljubljana (2012, Eslovénia); na Aula magna do Conservatorio di Musica, Cagliari (Itália, 2013); no Sunshine International Arts, em Londres (Reino Unido, 2016) e na Sala Verdi – Conservatorio di Milano, em Milão (Itália, 2016); na Cardiff University (Reino Unido, 2018); e no Teatro Massimo, em Cagliari (Itália, 2019).

A estreita ligação do GMCL com a criação musical contemporânea e o seu empenho na difusão das mais recentes correntes estéticas ficam patentes, em primeiro lugar, no estímulo à composição no seio do próprio grupo, sob o impulso do seu director artístico, por instrumentistas que nunca antes haviam praticado a escrita musical. Não esqueçamos o caso paradigmático de Clotilde Rosa, que começou a escrever música após a experiência de composição colectiva *In-Con-Sub-Sequência*, levada a cabo pelo GMCL em 1974 (Azevedo, 1998, pp. 103-104); Lopes e Silva e Paulo Brandão tiveram percursos bastante idênticos, no domínio da composição, muito directamente relacionados com a proximidade com o GMCL (Azevedo, 1998, p. 124). Peixinho, aliás, falava do “[...] estímulo ao esforço criador individual de cada um dos músicos” do GMCL (Assis, 2010, p. 320).

Por outro lado, a relação do grupo com a criação musical contemporânea espelhou-se no impressionante número de compositores programados<sup>10</sup>: 179 no total<sup>11</sup>; 89, entre 1970 e 1995; 10, entre 1996 e 2000; 106, desde 2001 até 2019. Se considerarmos a duração de cada um destes períodos de actividade do GMCL, obtemos uma média de 3,4 compositores por ano na fase inicial, 2 durante a fase intermédia e 5,6 na actualidade.

Será igualmente interessante constatar que os compositores mais frequentemente programados foram, sem qualquer dúvida, as figuras tutelares do GMCL, Jorge Peixinho e Clotilde Rosa (com totais de 245 e 181 concertos, respectivamente), logo seguidos por compositores muito próximos do grupo, como Constança Capdeville, Filipe Pires e José Lopes e Silva (com 45, 42 e 41 concertos, respectivamente). Paulo Brandão e Christopher Bochmann tiveram obras apresentadas em 23 e 21 concertos, respectivamente; o primeiro, exclusivamente na fase inicial, e o segundo na actualidade. De resto, 15 compositores foram programados entre 10 e 20 vezes, ao passo que os 157 restantes surgiram menos de 10 vezes nos concertos do grupo.

<sup>10</sup> À excepção de W. A. Mozart, interpretado em três ocasiões diferentes (em 1971, 1976 e 1978), de Arcangelo Corelli e de Giovanni Battista Draghi (ambos abordados em 2001), todos os compositores tocados pelo GMCL estavam (ou estão) activos nos séculos XX e XXI.

<sup>11</sup> Naturalmente, este número não corresponde à soma dos três seguintes, por período, na medida em que houve vários compositores que foram programados em vários dos períodos em apreço.

| COMPOSITORES             | Nº DE<br>CONCERTOS<br>1970-1995 | Nº DE<br>CONCERTOS<br>1996-2000 | Nº DE<br>CONCERTOS<br>2001-2019 | TOTAL |
|--------------------------|---------------------------------|---------------------------------|---------------------------------|-------|
| Peixinho, Jorge          | 114                             | 10                              | 121                             | 245   |
| Rosa, Clotilde           | 86                              | 8                               | 87                              | 181   |
| Capdeville,<br>Constança | 28                              | 0                               | 17                              | 45    |
| Pires, Filipe            | 30                              | 0                               | 12                              | 42    |
| Lopes e Silva,<br>José   | 41                              | 0                               | 0                               | 41    |
| Brandão, Paulo           | 22                              | 0                               | 1                               | 23    |
| Bochmann,<br>Christopher | 0                               | 0                               | 21                              | 21    |

Tabela 2. Compositores mais frequentemente programados em concertos do GMCL (por período e em número total), 1970-2019. Fonte: elaboração própria.

De modo geral, verifica-se que, durante a fase inicial, a primazia era dada aos compositores do grupo ou dele muito próximos. Como referi no já citado estudo de 2012, “O GMCL é então um ‘grupo de autor’ que repousa sobre a produção dos ‘autores do grupo’” (Telles, 2012, p. 213): Jorge Peixinho, Clotilde Rosa, Constança Capdeville, José Lopes e Silva, aos quais acresce Filipe Pires. Nessa fase, foram tocados 22 compositores portugueses e 58 internacionais, de 20 nacionalidades diferentes (sendo a Itália o país mais frequentemente representado, através de 10 autores diferentes, o que não deve surpreender-nos, considerando os anos de formação de Jorge Peixinho nesse país e as ligações que com ele mantinha). Estes dados contribuem para reforçar a percepção de que a internacionalização era, na primeira fase de existência do GMCL, um vector de importância muito considerável. Durante a fase intermédia, foram inclusivamente tocados mais compositores estrangeiros (seis) do que portugueses (quatro).

Nos anos mais recentes, pelo contrário, a balança pende para a produção nacional, tendo sido programados 58 compositores portugueses e nove estrangeiros residentes em Portugal, para um total de 106<sup>12</sup> autores representados nos concertos do GMCL entre 2001 e 2019. Os restantes 39 compositores, estrangeiros, são de 15 nacionalidades diferentes. Estas conclusões encontram-se em linha com o texto já citado, de 2012, em que afirmo:

<sup>12</sup> Não foi possível identificar cabalmente um dos compositores, nem a respectiva nacionalidade, por se encontrar referido apenas como “Tournier”.

Já a partir de 2001, como vimos, a feição do GMCL muda significativamente, para passar a definir-se mais como um “grupo de intérpretes” fazendo apelos direccionados a compositores individuais cuja proposta estética não se desenvolve forçosamente no contexto do grupo mas nele se vê espelhada. A produção representada acolhe as mais diversas propostas, incluindo aquelas que talvez se tenham tornado possíveis graças à experimentação e abertura de espírito praticadas no seio do GMCL - e emanando a partir dele para o meio musical português em geral - ao longo da fase anterior. (Telles, 2012, p. 213)

No que concerne às estreias de obras realizadas neste período (2001-2019), atentemos na seguinte tabela:

| Período   | Obras estreadas | Compositores |                        |              |       |
|-----------|-----------------|--------------|------------------------|--------------|-------|
|           |                 | Portugueses  | Residentes em Portugal | Estrangeiros | Total |
| 1970-1995 | 116             | 14           | 1                      | 12           | 28    |
| 1996-2000 | 6               | 5            | 0                      | 1            | 4     |
| 2001-2019 | 117             | 56           | 5                      | 11           | 72    |

Tabela 3. Obras estreadas e respectivos compositores (por período, nacionalidade e em número total), 1970-2019. Fonte: elaboração própria.

Verificamos, desde logo, um número quase idêntico de estreias na fase inicial (116) e na actualidade (117); convém não esquecer que este último período foi mais curto, pelo que os rácios respetivos (número de estreias por ano) são de 4,46 e 6,15, respectivamente. As grandes diferenças entre estes períodos situam-se ao nível do número de compositores envolvidos; da proporção entre o número de compositores portugueses, residentes em Portugal e estrangeiros; e do número de obras estreadas por compositor.

De facto, a um número idêntico de estreias corresponde um número mais de duas vezes e meia superior de compositores na actualidade (72), em comparação com a fase inicial (28); quer isso dizer que havia, nesta última, uma concentração grande de estreias em determinados compositores, que já identificámos como sendo os mais frequentemente tocados pelo grupo: Jorge Peixinho (43 estreias); Clotilde Rosa (18); Paulo Brandão (9); Lopes e Silva (7); Enrique Macías (7); Constança Capdeville (5); Isabel Soveral (3); Aldo Brizzi, Cândido Lima e Maria de Lourdes Martins (estes últimos com duas estreias cada). Na actualidade, pelo contrário, há uma “diluição” do número de estreias por compositor, salientando-se mais uma vez Clotilde Rosa (com 18 obras dadas em primeira audição); Christopher Bochmann (7); Ivan Moody (5); Luís Soldado (4); Lino Guerreiro, Francisco Monteiro e João Madureira (3); António Sousa Dias, Eurico Carrapatoso, Pedro Amaral, Eduardo Luís Patriarca, João Quinteiro, Carlos Caires, Jaime Reis, Ana Seara e Pedro Faria Gomes (2); e todos os restantes 56 compositores com apenas uma obra estreada.

Por outro lado, há uma incidência maior de jovens compositores na fase mais recente, em comparação com compositores reputados da geração de Jorge Peixinho na fase inicial. Tal facto explica-se pela política de encomendas seguida pelo GMCL em anos recentes, assente numa cultura de diversidade e de representatividade de várias tendências estéticas, e também de promover a actividade de jovens compositores. Neste âmbito, importa referir ainda o Concurso Internacional de Composição GMCL / Jorge Peixinho, que teve a sua primeira edição em 2013 e já concluiu a quarta edição.

Também no que concerne à proporção entre o número de compositores portugueses, residentes em Portugal e estrangeiros se verificam diferenças significativas: se na fase inicial, o número de compositores portugueses e residentes em Portugal com obras estreadas pelo GMCL correspondia a pouco mais de metade do total, na actualidade a tendência mudou, dando-se clara primazia aos compositores nacionais ou radicados no nosso país.

Do ponto de vista estético, os primórdios do GMCL desenvolveram-se sob os auspícios da vanguarda musical do pós-guerra, entroncando claramente nas propostas pós-seriais da chamada “Escola de Darmstadt”, nomeadamente de Pierre Boulez e Karlheinz Stockhausen, às quais viria a juntar-se a influência profundamente disruptiva de Jonh Cage. No anos 1980 verificou-se, no entanto, uma abertura ao pós-modernismo a que, segundo Manuel Pedro Ferreira, não foi estranha a influência do compositor e maestro italiano Aldo Brizzi (Ferreira, *Trajectórias da música em Portugal no século XX: Escorço histórico preliminar*, 2007, p. 50). Essa abertura manifestou-se em várias obras de Jorge Peixinho escritas para o GMCL nesse período, como *Ulivi aspri e Forti II* (1982) e *O Jardim de Belisa* (1984), por exemplo, mas também nas contribuições de António Sousa Dias, Alexandre Delgado, Sérgio Azevedo e Cristina Delgado Teixeira, todas elas ulteriores a 1985. Assim,

[...] desde 2001 até ao presente, a representatividade de jovens compositores e o consequente eclectismo estético anunciados desde o final dos anos 80 na actividade do GMCL vão tornar-se o traço dominante num grupo não já encabeçado pela personalidade criadora e musicalmente fecundante de Jorge Peixinho, mas antes por um grupo de intérpretes que vê na abertura de espírito a diferentes linguagens e posturas um traço distintivo a conservar e desenvolver. (Telles, 2012, p. 209)

A proliferação de tendências estéticas, linguagens e meios de expressão representados no seio do grupo provam cabalmente a abertura de espírito que Jorge Peixinho nele imprimiu, e que os seus seguidores souberam perpetuar e desenvolver. Essa é, provavelmente, uma das maiores riquezas deste agrupamento, e talvez a sua mais-valia no contexto do meio musical português do nosso tempo.

A preservação e patrimonialização dos repertórios abordados cedo se tornou uma preocupação para os responsáveis do GMCL. Sérgio Azevedo (1998, p. 34) refere, relativamente a vários agrupamentos dedicados à música de vanguarda em Portugal nas últimas três décadas do séc. XX: “[...] não obstante os múltiplos concertos em Portugal e no estrangeiro, destes quatro importantes grupos [GMCL, Grupo Música Nova, Oficina Musical do Porto, ColecViva] só o primeiro, dirigido por Jorge Peixinho, chegou a gravar alguns discos.” De facto, o GMCL foi responsável pelas primeiras gravações de obras de compositores portugueses como o seu fundador, Constança Capdeville, Filipe Pires e Clotilde Rosa (Latino & Lopes, Grupo de Música Contemporânea de Lisboa, 2010, p. 588). A edição discográfica tem sido amplamente desenvolvida nos últimos anos, contando o grupo com um número já bastante considerável de fonogramas publicados, que granjearam o reconhecimento da crítica internacional. Esse esforço tem sido complementado pelo envolvimento do grupo em eventos de cariz científico, como o Simpósio Internacional Mémoires...Miroirs que teve lugar em 2010, e por uma presença mais assídua em instituições de ensino superior artístico nacional (como as Universidades de Évora, Coimbra e Aveiro, a Escola Superior de Música de Lisboa, a ESART – Instituto Politécnico de Castelo Branco, o Instituto Piaget de Almada, entre outras) e internacional (como a Cardiff University, no Reino Unido). Não obstante, perduram desafios de monta para os quais o GMCL terá de saber estabelecer parcerias frutíferas com instituições de ensino superior e centros de investigação, nomeadamente no que respeita ao desenvolvimento de projectos de edição crítica e divulgação de partituras, bem como de reconstituição de materiais multimédia relativos a obras diversas, sobretudo da primeira fase de existência do grupo, e respectiva transferência tecnológica.

O GMCL de ontem não é, seguramente, o de hoje. Os valores e ideais que presidiram à sua fundação, no entanto, permanecem actuais, e os intervenientes hodiernos do grupo têm sabido honrá-los. A um grupo de líder, sucedeu um agrupamento de intérpretes em que os vários membros têm de assumir diversas tarefas; a um projecto espontâneo, enérgico e de certo modo utópico, na sociedade de então, sucede um grupo maduro, que se vê confrontado com novas dificuldades e renovadas responsabilidades, prosseguindo o seu caminho na senda da profissionalização dos seus processos e da modernização das suas atitudes. O desafio de criar públicos para a apreciação e fruição da música contemporânea, bem como de educar para a liberdade criativa, ainda que circunstancialmente diferentes nos diferentes contextos em que o grupo tem operado, são tão pertinentes hoje como eram há cinquenta anos. Mas acresce a responsabilidade associada ao legado de Jorge Peixinho e de todos aqueles que desenvolveram a sua actividade no seio do GMCL ao longo das últimas cinco décadas. Preservar, revelar, divulgar tão rico património, e simultaneamente dar vida à criação musical do nosso tempo, é missão para os próximos cinquenta anos.

## Obras Citadas

- Assis, P. d. (Ed.). (2010). *Jorge Peixinho: Escritos e Entrevistas*. Porto: Casa da Música / CESEM.
- Azevedo, S. (1998). *A invenção dos sons*. Lisboa: Caminho.
- Carvalho, M. V. (07 de Julho de 1972). Os portugueses no Festival de Royan. *Diário de Lisboa*, p. 9.
- Castelo-Branco, S. (Ed.). (2010). *Enciclopédia da Música em Portugal no Séc. XX*. Lisboa: Círculo de Leitores / INET-md.
- Castro, P. F. (1991). O Século XX. Em R. V. Nery, & P. Ferreira de Castro, *História da Música* (pp. 148-182). Lisboa: Imprensa Nacional - Casa da Moeda.
- Ferreira, M. P. (Ed.). (2005). *Dez Compositores Portugueses*. Lisboa: Publicações Dom Quixote.
- Ferreira, M. P. (2007). A reinvenção do sentimento em Ricercari, de Clotilde Rosa. Em M. P. Ferreira (Ed.), *Dez compositores portugueses* (pp. 347-364). Lisboa: Dom Quixote.
- Ferreira, M. P. (2007). Trajectórias da música em Portugal no século XX: Escorço histórico preliminar. Em M. P. Ferreira (Ed.), *Dez compositores portugueses* (pp. 25-52). Lisboa: Dom Quixote.
- Machado, J. (Ed.). (2002). *Jorge Peixinho in memoriam*. Lisboa: Caminho.
- Telles, A. (2012). O Grupo de Música Contemporânea de Lisboa e a criação musical portuguesa: 40 anos de história. Em P. d. Assis (Ed.), *Mémoires...Miroirs. Conferências do Simpósio Internacional Jorge Peixenho* (pp. 203-214). Lisboa: Colibri/CESEM.



"O cinquentenário do Grupo de Música Contemporânea de Lisboa traz-me à mente a relação de amizade e admiração recíproca que uniu Joly Braga Santos e Jorge Peixinho, independentemente das suas diferenças estéticas ou ideológicas."

*Alexandre Delgado*

"I particularly appreciate the professionalism and friendliness of the group along with their particularly warm and expressive sound, given by the presence of the harp and the voice that adds to the classic sound of a contemporary ensemble something ancient and extremely modern at the same time. For a conductor, when that relationship of mutual trust between the instrumentalists and the conductor is established, you get a subtle bond, where a glance or a small gesture is enough to immediately be in touch, while each in musician remains free to express himself in his own role: this is a chemistry, an alchemical magic that does not happen always and with all musicians and that with GMCL I feel very deeply."

*Adriano Martinolli D'Arcy*

"Eis o que fez do GMCL um verdadeiro laboratório, pró-ativo no apoio à nova música e aos novos compositores, lugar de encontro, produção e divulgação que se distingue, pela sua singularidade, na cultura portuguesa."

*Mário Vieira de Carvalho*